Cadernos do Lepaarq

UMBUZEIRO DOS DEFUNTOS: UM MARCO NA HISTÓRIA DE SÃO LOURENÇO DO PIAUÍ

????

Celito Kestering
Gizelle Santos de Sousa

Vol. XI | n°22 | 2014 | ISSN 2316 8412

UMBUZEIRO DOS DEFUNTOS:
UM MARCO NA HISTÓRIA DE SÃO LOURENÇO DO PIAUÍ

Celito Kestering[1]
Gizelle Santos de Sousa[2]

Resumo: O presente relatório refere-se a uma pesquisa que se faz junto ao umbuzeiro dos defuntos, marco histórico do município de São Lourenço do Piauí. Sabe-se pela história oral que, próximo a um frondoso umbuzeiro, foram enterrados muitos índios que não aceitaram ser escravos nas fazendas da região Sudeste do Piauí. Formula-se a hipótese de que ali foram sepultados quase quinhentos índios assassinados pelos portugueses na segunda metade do século XVII, conforme relato do padre Martinho de Nantes. Entrevistaram-se pessoas idosas da cidade de São Lourenço para resgatar fragmentos da tradição oral a respeito do umbuzeiro dos defuntos e da origem da atual cidade de São Lourenço. Não se encontraram informações da hecatombe narrada pelo missionário franciscano, porém, indicativos de que ali jazem os corpos de muitos índios mortos em situação de extremo desespero. Diz-se que o alto stress vivido no instante de seu assassinato se conserva e se manifesta em assombrações que se traduzem, regionalmente, como aleivosias. Espera-se que, com a abertura de sondagens e escavações, encontrem-se restos orgânicos e da cultura material que corroborem a hipótese que se formula no estágio atual da pesquisa.

Palavras chaves: Umbuzeiro dos defuntos, Tradição oral, Cultura material, São Lourenço do Piauí.

Abstract: This article refers to research that is done by the umbuzeiro dos defuntos, landmark of the municipality of São Lourenço do Piauí. It is known by the oral history that, next to a leafy umbuzeiro were buried many Indians who refused to be slaves on the farms of southeastern Piauí State. On formulates the hypothesis that there were buried nearly five hundred Indians killed by the Portuguese in the latter half of the seventeenth century, as reported by Priest Martin de Nantes. Interviews were conducted with elderly people in the city of São Lourenço to rescue fragments of oral tradition about umbuzeiro dos defuntos and the origin of the present city of São Lourenço. Information did not match the catastrophe narrated by Franciscan missionary however indicate that there lie the bodies of many dead Indians in a state of utter despair. It is said that the high stress experienced at the time of his murder is preserved and manifested in hauntings that translate regionally as aleivosias. It is hoped that with the opening of polls and excavations, meet organic remains and material culture to corroborate the hypothesis that on formulates in the current stage of research.

Keywords: *Umbuzeiro dos defuntos,* Oral tradition, Material culture, *São Lourenço do Piauí*.

[1] Licenciado em Filosofia, com habilitação em Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em Pré-história (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor adjunto 3 e Tutor do grupo PET – Arqueologia; E-mail: celito.kestering@gmail.com

[2] Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. Rua João Ferreira dos Santos, S/N; Bairro Campestre; São Raimundo Nonato – PI; CEP: 64.770-000. E-mail: gizellesantossl@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Em São Lourenço do Piauí mantém-se a tradição oral de que o seu território era, originalmente, habitado por índios tapuias. Conta-se que eles viviam da caça, da pesca, coleta de frutas e raízes da caatinga e de pequenas roças cercadas com estacas e ramas entrançadas que chamavam de caiçaras, nas terras margeantes do Rio São Lourenço. Fala-se que uma tribo tapuia de nome ignorado pela população atual ocupava a região da nascente desse rio, desde as lagoas do Exu, do Arroz e da Onça, na divisa dos atuais municípios de Campo Alegre de Lourdes – BA e Fartura do Piauí. Diz-se que há muitas evidências da ocupação desses nativos em toda a extensão do rio São Lourenço quais sejam, fragmentos de cerâmica e artefatos da indústria lítica em sílex. Dos vestígios da presença da tribo de nativos nessa região tem maior destaque a história oral referente ao umbuzeiro dos defuntos onde teriam sido enterrados muitos índios mortos pelos portugueses quando se implantaram a primeiras fazendas de gado na região sudeste do Piauí.

É por isso que se definiu o tema desta pesquisa como **Umbuzeiro dos Defuntos: um marco na história de São Lourenço do Piauí**. Acresce-se a curiosidade pessoal brotada das muitas histórias contadas pelas pessoas mais velhas a respeito desse umbuzeiro e da origem da cidade. Com esse trabalho pretende-se registrar e divulgar essas informações sobre a origem da cidade de São Lourenço e a memória do seu povo. Se isso não for feito, as novas gerações não terão acesso a um fragmento do mapa cognitivo que norteava as ações dos seus ancestrais.

SÃO LOURENÇO DO PIAUÍ

A cidade de São Lourenço do Piauí situa-se a aproximadamente 550 km da capital Teresina. Localiza-se na região sudeste do estado, onde o clima é semiárido e a vegetação pertence ao bioma da caatinga. Limita-se ao norte com o município de São Raimundo Nonato - PI, ao sul com o município de Dirceu Arcoverde - PI, a leste com o município de Coronel José Dias - PI e a Oeste com o município de São Raimundo Nonato – PI e Fartura do Piauí. Possui uma área de 672.709 km² onde habitam 4.427 pessoas. A sede do município de São Lourenço localiza-se nas coordenadas UTM23L 769829, UTMN 8985557, a 336 metros de altitude (FIGURAS 01 e 02).

Segundo a tradição oral, o processo de ocupação recente da área da atual cidade de São Lourenço aconteceu por volta do ano 1915. A população da antiga fazenda São Lourenço aumentou muito durante os dois grandes conflitos que ocorreram nas suas imediações, quais sejam, a Guerra da Telha no atual município de Dirceu Arcoverde – PI, de 1927 a 1930 (SANTANA, NASCIMENTO, 2013) e a Guerra do Pau de

Colher no atual município de Casa Nova – BA, em 1937 e 1938[3]. Diz-se que muitos fugitivos do cenário das guerras, instalaram-se às margens do riacho São Lourenço. Fala-se que entre eles havia uma mulher influente, natural de São João do Piauí, que se chamava Maria Lourença, mão direita de José Lourenço, um dos líderes no conflito do Pau de Colher que ficou conhecido regionalmente como a Guerra dos Caceteiros.

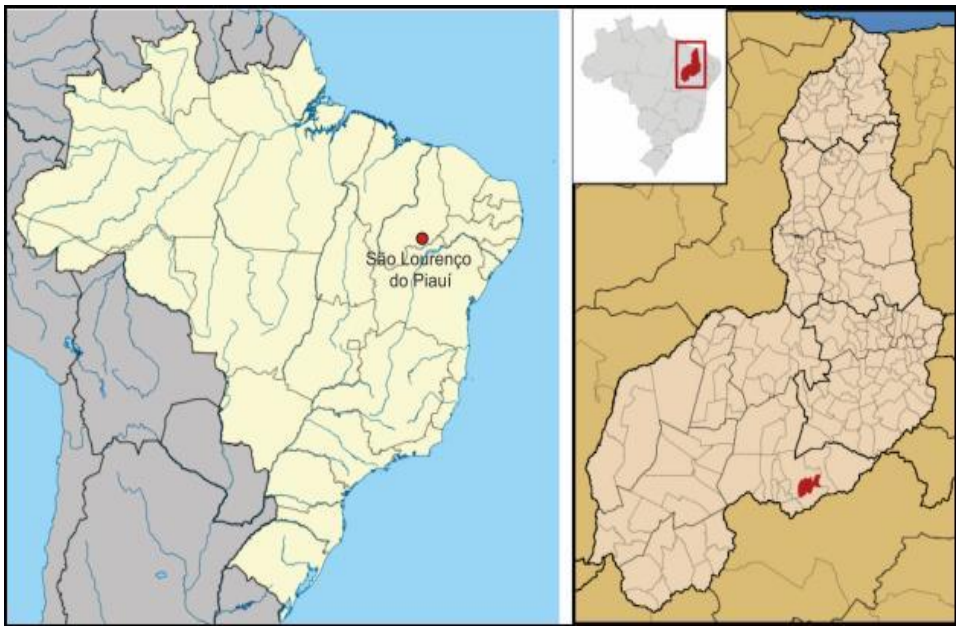


Figura 01: Localização de São Lourenço no estado do Piauí. Fonte: Wikipédia, 2013, adaptado pelos autores.



Figura 02: Cidade de São Lourenço do Piauí. Fonte: Google Earth, 2013.

[3] Pesquisa em fase de execução por membros do Grupo PET – Arqueologia / UNIVASF

São Lourenço passou à categoria de povoado do município de São Raimundo Nonato quando tinha apenas cinco casas. Nelas residiam as famílias de José Joaquim de Santana, Malaquias Ribeiro, José Caetano, José Cornélio e Raimundo Tibério. Todas elas foram edificadas nas proximidades do riacho onde se tinha acesso fácil à água e onde se cultivavam milho, feijão, melancia e abóbora. O costume de se localizarem as fazendas junto aos riachos, onde era farto o pasto mimoso, remonta ao século XVII, quando se implantaram as primeiras sesmarias na região Sudeste do Piauí. Segundo Knox (1986), "*no começo do processo de doação destas terras, observava-se a extensão de 10 léguas em quadro cujo limite ou 'frente' era sempre a margem de um rio*".

> Os locais com fartura de água e pasto mimoso situavam-se em terrenos planos, próximo a baixadas e brejos onde havia árvores frondosas como juazeiros e oitis em cujas sombras a temperatura era mais branda. Às vezes localizavam-se em terrenos salobros, próximo a lagoas ou mesmo nas margens dos rios intermitentes. Em função da aglomeração de gado que se arrebanhava, estabelecia-se nela um curral, um roçado para subsistência e um casebre que, não poucas vezes, se transformava em sede de fazenda. (MOTT, 1985).

Muita gente afirma que, desde o início da povoação de São Lourenço do Piauí, homenageava-se o padroeiro São Lourenço. Há quem diga, porém, que Maria Lourença foi a entronizadora da devoção a São Lourenço no antigo povoado. Conta-se que, ao fugir da Guerra do Pau de Colher, ela touxe consigo uma imagem desse santo. Para atender um pedido seu, o padre Franscisco Freire, ao chegar à pequena vila, achou por bem denominá-la com o nome do santo da devoção de Maria Lourença. Em homenagem ao santo da devoção de Maria Lourença, Malaquias Ribeiro, um dos primeiros moradores da vila, construiu uma capela. Até então se celebravam as missas na residência de José Joaquim Vilanova. O pequeno templo edificado por Malaquias Ribeiro passou, então, a sediar as missas celebradas nas desobrigas dos padres da paróquia de São Raimundo Nonato – PI. A velha capela passou por várias reformas e ampliações até se transformar na atual igreja matriz da cidade de São Lourenço.

O objetivo principal da presente pesquisa é registrar uma versão da historia que poucas pessoas conhecem a respeito dos primeiros habitantes da cidade de São Lourenço do Piauí. Pretende-se evitar que se perca, na esteira do tempo, a história e a memória transmitidas de geração em geração até os mais velhos. Quer-se garantir o acesso das gerações mais novas à saga dos pioneiros da região Sudeste do Piauí, os índios tapuias.

Para levantar dados concernentes ao tema da pesquisa, faz-se uso da história oral. Com esse método pode-se documentar experiências vivenciadas por muitas pessoas do meio popular que a historiografia oficial não contempla. Serve-se dela para registrar e compartilhar biografias, testemunhos, vivências, lembranças, impressões, interpretações e/ou versões de fatos. Dessa forma, se produz conhecimento rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, nem sequer se fariam conhecidas.

Preserva-se, assim, a memória e a história de heróis que a historiografia oficial, de caráter elitista e excludente, não contempla.

O método da história oral começou a ser utilizado no Brasil, a partir da década de 1970. Uma das primeiras experiências aconteceu no Museu da Imagem e do Som de São Paulo. Mais tarde surgiu o interesse por ela no Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina – PR. No ano de 1975, a Universidade Federal de Santa Catarina implantou um laboratório específico de História Oral. Foi, porém, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), implantado no Rio de Janeiro, também em 1975, que se obteve o maior êxito com esse método.

O conceito de história oral relaciona-se com o de memória. É pelas lembranças e pela comunicação que as pessoas a preservam. Com ela, produz-se a história contada porque toda pessoa lembra-se de fatos derivados da sua experiência. Com base nesses pressupostos, coletam-se e analisam-se depoimentos das pessoas mais velhas da cidade para extrair o máximo de informações conservadas em suas lembranças.

Na primeira etapa da pesquisa, procuraram-se pessoas que soubessem de informações sobre o umbuzeiro dos defuntos. Em seguida, formulou-se um questionário direcionado à obtenção do máximo de informações, mesmo que fragmentadas, sobre o referido umbuzeiro e a história de São Lourenço. Fez-se, então, a pesquisa de campo. Coletaram-se depoimentos das pessoas mais idosas da cidade e realizou-se uma prospecção nas adjacências do umbuzeiro. Nessa prospecção procuraram-se, preferencialmente, vestígios de ocupação colonial e pré-colonial.

RESULTADOS

O umbuzeiro dos defuntos, objeto da presente pesquisa, fica a aproximadamente dois quilômetros a leste do centro da cidade de São Lourenço. Segundo se sabe, esse nome foi dado pelos primeiros habitantes dessa cidade. As pessoas mais velhas dizem que, junto a esse umbuzeiro, os índios que habitavam área da fazenda que deu origem à cidade sepultaram muitos de seus mortos, colocando matacões sobre as covas para marcar, assim, o local do enterramento.

Depoimento de Maria Belém Vilanova Santos

Sobre o imbuzeiro dos defuntos, meus avós e bisavós falavam que era lugar de índio. Devido às fileiras de pedras, eles diziam que era lá onde eles (os índios) enterravam os mortos, por isso o nome. Lá tinha umas aparências e assombrações como luzes, pessoas conversando, barulho de cavaleiros com seus cavalos. As pessoas até se recusavam a passar lá durante a noite. Eu, inclusive, passei por lá nestes dias e vi que as pedras ainda estavam lá, meio enterradas. No riacho da pedrona também tinha marcas que meus

avós falavam ser de índios devido às cercas de pedra. Pode ser que eles usavam pra marcar terras. Com o tempo não tem mais não, mas tinha. No tempo das enchentes a água carregou.

Depoimento de Florinda Ferreira dos Santos

Lá tem um morro de pedra. O povo diz que lá era lugar de índio, onde eles enterravam os seus mortos. Lá tinha e tem ainda assombração. A finada tia Josefa um dia passou por lá com uma cesta de mandioca. Aí, num sopapo, derrubaram a cesta. Engraçado era ela falando que as mandiocas dela eles não iam levar não. Ela fez um tição de fogo para alumiar e pegou todas as mandiocas. Lá é mesmo lugar de índio. Meus avós e bisavós sempre falavam. Não é só nesse lugar que tem restos de índios. No salãozinho, debaixo do juazeiro, também acharam ossos que pareciam ser de gente. Falavam que eram de índios.

Depoimento de Andrelino Farias Damasceno

Antigamente tinha uns lajedos de pedra que o povo falava que eram de índios. Eles moravam lá. O nome (Umbuzeiro dos Defuntos) eu acho que é porque o povo falava que tem aleivosia lá onde eles enterravam os seus mortos. Chamam também de imbuzeiro das almas. É lá por aquelas bandas de lá que era o centro de São Lourenço. Meu pai dizia que aqui tinha uma geração de índios que foram corridos daqui e ficaram poucos.

Prospecção

Para levantar dados mencionados nas entrevistas, bem como verificar se há, no local, artefatos e outros vestígios arqueológicos coloniais e pré-coloniais fez-se uma prospecção não interventiva nas proximidades do aludido umbuzeiro dos defuntos. Constatou-se que, a dois quilômetros à jusante do centro da cidade de São Lourenço do Piauí existem, de fato, muitas evidências que corroboram os depoimentos.

Há, ali, muitos ossos humanos, fragmentos de cerâmica e artefatos da indústria lítica, junto a um centenário juazeiro (*Ziziphus juazeiro*) na margem esquerda do rio São Lourenço. Há, também, fragmentos de ossos humanos, cerâmica, louça e talheres, espalhados na superfície do terreno nas proximidades de um lajedo de granito que aflora nas duas margens do mesmo rio. Um pouco afastado dali, nas adjacências de dois frondosos umbuzeiros do terraço fluvial antigo, na margem direita do rio há concentração de matacões, ossos humanos e carapaças de tatu.

A concentração de ossos humanos junto ao juazeiro e a abundância de fragmentos de potes de cerâmica pré-colonial indicam terem sido sepultados ali, em urnas funerárias, muitos corpos de índios

(FIGURAS 03 E 04). Há, também em profusão, artefatos da indústria lítica em sílex no entorno próximo dos ossos humanos, bem como nas duas margens e no leito do rio São Lourenço (FIGURA 05).



Figura 03: Ossos humanos na superfície do terreno, junto a um juazeiro, na margem direita do rio. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 04: Fragmento de cerâmica pré-colonial Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 05: Artefato da indústria lítica em sílex. Foto: Celito Kestering, 2013.

Na superfície do afloramento de granito, há vários pilões em rocha (FIGURAS 06 a 08). Eles são indicativos de que, em períodos coloniais e pré-coloniais, praticava-se agricultura de subsistência nos férteis solos aluviais das margens do rio São Lourenço. É muito provável que nesses pilões trituravam-se alimentos, quais sejam milho e mandioca cultivados pelos índios em pequenas roças que chamavam de caiçaras.

Nas proximidades do afloramento rochoso, há ainda, restos da cultura material colonial. Identificaram-se cabos de talher (FIGURA 09), fragmentos de louça (FIGURA 10) e restos de uma barragem edificada com matacões de granito rejuntados com argila (FIGURAS 11 e 12). A população local atribui a sua construção aos índios tapuias. Com base na técnica construtiva, estima-se, contudo, que ela tenha sido construída pelos colonizadores portugueses quando, na segunda metade do século XVII se implantou a Fazenda São Lourenço. Não se descarta a probabilidade de, na sua edificação, ter-se utilizado a mão de obra de índios escravizados.

Junto aos dois umbuzeiros a que se referiram os entrevistados e onde disseram que se veem e ouvem aleivosias há concentrações de matacões (FIGURAS 13 e 14). Esses aglomerados contrastam com a dominância de seixos e calhaus que jazem na superfície do terreno do entorno (FIGURA 15). Próximo a eles há ossos humanos e de outras espécies animais, carapaças de tatu e restos de uma casa de taipa cuja cobertura era de telha (FIGURA 16).



Figura 06: Afloramento rochoso. Foto: Celito Kestering, 2013.

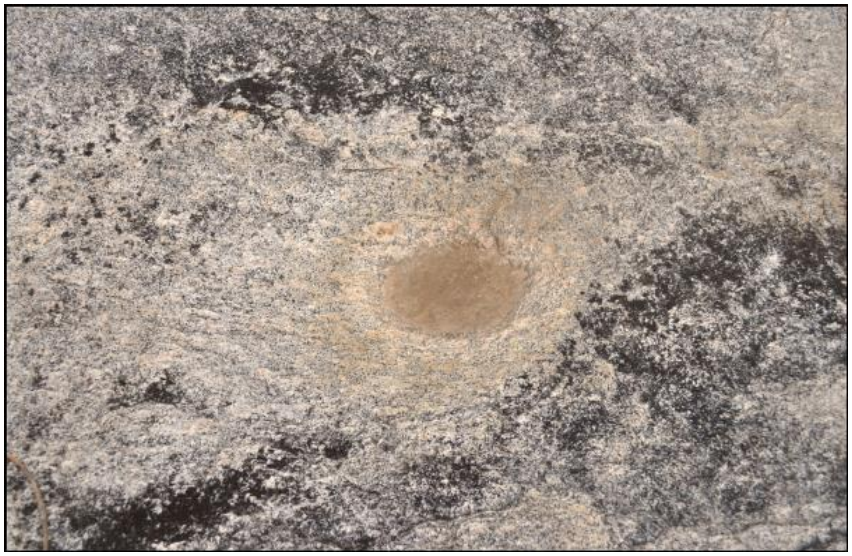


Figura 07: Pilão em rocha. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 08: Pilão em rocha. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 09: Cabo de colher que se presume ser do período colonial. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 10: Fragmentos de louça. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 11: Restos de uma barragem no leito do rio São Lourenço. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 12: Matacões da antiga barragem, rejuntados com argamassa de argila. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 13: Umbuzeiro dos Defuntos. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 14: Concentração de matacões junto ao umbuzeiro dos defuntos. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 15: Calhaus e seixos dominantes na superfície do terreno. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 16: Ossos humanos e de outras espécies animais junto ao umbuzeiro dos defuntos. Foto: Celito Kestering, 2013.

Discussões

Os depoimentos e os dados obtidos na prospecção induzem a pensar que o umbuzeiro dos defuntos seja o lugar onde foram assassinados e sepultados quase quinhentos índios mortos na segunda metade do século XVII, conforme relata Martinho de Nantes (1708, p. 53):

> Dessa praia, atravessaram diante de nós o resto do rio e, temendo que nós os seguíssemos, se continuassem pela margem do rio, enveredaram pelos matos, para alcançarem um certo pequeno lago, a seis ou sete jornadas desse lugar.
>
> Depois dessa expedição, havia que prover às necessidades urgentes de nossa gente, que nas últimas trinta e seis horas só havia feito uma refeição insuficiente e estava muito cansada. Procurou-se algum gado, que se matou durante a noite. No dia seguinte, atravessou-se o riacho Dosré e acharam-se, no campo do inimigo, muitos bois mortos e retalhados e muitas cabras, algumas já meio assadas. Mas, como tudo isso já tinha um dia de permeio e ficara exposto ao sol, tudo apodrecera e deixara emanações, que dificultavam a nossa presença. Fomos, então, a três léguas daí, a uma fazenda que os inimigos haviam incendiado depois de haver matado o dono e um negro, de que vimos os cadáveres. Encontramos muitos bois, que matamos e fizemos secar, para poder seguir o inimigo.
>
> Depois de cinco dias de descanso, atravessou-se o rio, os portugueses em pequenas canoas que encontraram e os índios e cavalos a nado. Acompanhamos as pegadas do inimigo, que foi encontrado nesse pequeno lago, ou brejo, no interior da terra. Estava quase sem armas e morto de fome. Renderam-se todos, sob condição de que lhes poupassem a vida. Mas os portugueses, obrigando-os a entregar as armas, os amarraram e dois dias depois mataram, a sangue frio, todos os homens de arma, em número de quase quinhentos, e fizeram

> escravos seus filhos e mulheres. Por minha felicidade, não assisti a essa carnificina; não a teria suportado, por injusta e cruel, depois de se haver dada a palavra de que lhes seria poupada a vida.

Com base em experiências pessoais de prospecção arqueológica, sabe-se que, na região semiárida, uma jornada equivale à distância média de 30 km. Com fundamento nesse conhecimento empírico, propõe-se, em nível hipotético que, depois de atravessarem o rio São Francisco, três léguas à montante do rio Salitre, provavelmente junto à ilha de Santana do Sobrado, próximo à Fazenda Tatauí, os portugueses caminharam de 180 a 210 km, até alcançarem e assassinarem os índios fugitivos. Estima-se que tenham atravessado o rio naquele ponto porque, segundo relatos da população ribeirinha, ali a travessia do rio era relativamente fácil porque havia outras ilhas e muitos ilhotes nos quais se podiam descansar várias vezes até alcançar a sua margem esquerda.

Com apoio nessa hipótese (premissa 1), aferiu-se a distância entre a atual cidade de Sobradinho - BA, localizada na antiga fazenda Tatauí e a cidade de São Lourenço do Piauí em cartas e imagens aerofotogramétricas de hoje. Constatou-se que a distância entre as duas cidades é de 196 km, em linha reta (premissa 2). Deduziu-se, então, em caráter também hipotético, que os portugueses teriam matado os quase quinhentos índios, nas proximidades do umbuzeiro dos defuntos junto a lagoas ou brejos que, nos períodos chuvosos, se formam no leito e nas margens do rio São Lourenço (FIGURAS 17 a 19).

É provável que os perseguidores e os índios fugitivos tenham seguido um caminho utilizado pelos pimenteiras para se deslocarem do Sudeste do Piauí à desembocadura do rio Salitre, no atual município de Juazeiro – BA (DANTAS, SAMPAIO E CARVALHO, 1992, *apud* KESTERING, 2013). Da mesma forma, dado a acessibilidade, é bastante provável que, na segunda metade do século XVII, os portugueses tenham utilizado o mesmo caminho quando implantaram as primeiras fazendas de gado nessa região (FIGURA 20).

Com base na cartografia atual, em imagens de satélite e nas estradas pelas quais se faz o menor percurso do atual povoado de Santana do Sobrado, próximo à antiga ilha homônima, hoje submersa, obtém-se o traçado hipotético do caminho utilizado, originalmente pelos índios pimenteiras e pelos colonizadores portugueses no século XVII. Reforça-se essa hipótese com relatos da história oral sobre o caminho dos tropeiros que, no início do Século XX, ainda faziam o mesmo percurso para venderem produtos agrícolas e agropecuários em Juazeiro – BA onde compravam gêneros alimentícios e outros produtos para comercializarem nas feiras de São Lourenço e São Raimundo Nonato – PI (FIGURA 21).



Figura 17: Figura de um brejo em cuja paisagem destaca-se a carnaúba (*Copernicia cerifera*). Fonte: Google, 2013.



Figura 18: Brejo de São Lourenço do Piauí. Fonte: Google Earth, 2013, modificada pelos autores.



Figura 19: Brejo de São Lourenço do Piauí, próximo ao umbuzeiro dos defuntos. Foto: Celito Kestering, 2013.



Figura 20: Provável caminho utilizado por índios e portugueses no final do século XVII.
Fonte: Carta de W. Faden (1807), modificada pelos autores.



Figura 21: Provável caminho onde os portugueses perseguiram os índios fugitivos.

Fonte: Google Earth (2013), modificado pelos autores.

Umbuzeiro dos defuntos: aleivosia ou *poltergeist*

Há quem diga que as aleivosias do umbuzeiro dos defuntos não passam de fantasias criadas por pessoas emocionalmente fragilizadas. Quando assim se fala, além de se manifestar o preconceito contra o conhecimento popular revela-se a ambiguidade conceitual do cientista preconceituoso. É oportuno que se discirna, por isso, o significado dos termos aleivosia e *poltergeist*. Ambos caracterizam-se como ruídos ou deslocamentos de objetos ocasionados por agentes ignotos. Diferem-se no fato de o *poltergeist* estar sempre relacionado a um indivíduo e ter curta duração, enquanto que a aleivosia estende-se por muitos anos e manifesta-se a diferentes pessoas, sempre na mesma área.

No caso do umbuzeiro dos defuntos, a aleivosia teima em se manifestar a muitas pessoas, durante séculos, como que lembrando ao povo de São Lourenço e de toda a região semiárida, que ali jazem os últimos índios livres do sertão piauiense. Depois deles, as mulheres e as crianças sobreviventes amargaram a condição de escravos nas lides pastoris.

Observa-se que o umbuzeiro dos defuntos e as aleivosias a ele relacionadas são atributos da identidade coletiva da cidade de São Lourenço do Piauí. Entende-se por atributo cada uma das propriedades qualitativas ou quantitativas que possibilitam distinguir-se um indivíduo ou uma classe deles de um conjunto.

Diz-se, por isso, que atributo é uma característica que faculta o reconhecimento de uma entidade coletiva ou individual.

Atributos que permitem o reconhecimento de identidades coletivas são peculiaridades comuns, perceptíveis nos padrões físicos e da cultura material ou imaterial de um grupo. Um conjunto de indivíduos que compartilha atributos materiais e imateriais constitui, assim, uma identidade coletiva. Pode-se, por isso, reconhecer a identidade de grupos pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais, nos atributos conservados na cultura material, imaterial e de memória da qual fazem parte o umbuzeiro dos defuntos e as aleivosias a ele relacionadas.

> A transmissão de atributos físicos e culturais envolve processos diferentes. Os atributos biológicos são transmitidos nas estruturas genéticas do DNA e os culturais, no processo de ensino aprendizagem. Apesar da característica comum da transmissão de atributos genéticos e culturais, as espécies biológicas diferentes não se cruzam e, quando o fazem, produzem descendentes estéreis, enquanto os atributos culturais resultam de cruzamentos férteis de toda espécie (GALLAY, 1983; BASALLA, 1991, *apud* KESTERING, 2007).

Na construção das identidades atuam agentes conservadores como a tradição, o poder e a própria estrutura genética que uniformizam e perpetuam padrões de memória e de comportamento dos indivíduos e dos grupos. O próprio processo de ensino – aprendizagem envolve estruturas físicas dependentes dos sistemas nervoso e hormonal responsável pelas relações dos indivíduos com o ambiente e com os outros membros da espécie. O sistema nervoso é constituído por um conjunto de neurônios que se conecta e transmite mensagens do mundo externo ao cérebro. No cérebro, as mensagens são interpretadas e assimiladas. Os atributos culturais dos grupos, como as aleivosias, estão por isso, ligados a coordenações profundas dos genomas dos indivíduos de uma comunidade como a da cidade de São Lourenço do Piauí. Enquanto alguns genes regulam respostas adaptativas ao ambiente, outros agem na renovação de metabolismos que mantêm a estrutura do conjunto. (PIAGET, 1996, *apud* KESTERING, 2007).

No processo de aprendizagem, a assimilação da realidade externa para a produção de conhecimentos depende, fundamentalmente, da estrutura genética dos indivíduos e da estrutura mnemônica dos grupos. As estruturas mnemônicas são arquivos de memória pelos quais se reconhecem os traços essenciais e funcionais dos objetos ou fatos. Assim, a capacidade de perceber e reproduzir imagens e sons das aleivosias depende, em última instância, de disposições físicas e de potencialidades desenvolvidas pelos indivíduos, no contexto social e ambiental. Vê-se o que se está condicionado a ver. Percebe-se e incorpora-se aquilo que se associa com as estruturas mnemônicas. Por estarem estreitamente relacionadas com a estrutura genética e mnemônica, as manifestações culturais como as aleivosias preservam atributos caracterizadores da identidade da cidade de São Lourenço do Piauí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os parcos dados da historia oral que se obteve foram contados por apenas três entrevistados. Existem, contudo, na cidade de São Lourenço, muitas outras pessoas que sabem, contam e repetem milhares de vezes ao longo de suas vidas, as mesmas histórias sobre o umbuzeiro dos defuntos. Propõe-se, por isso, que esse umbuzeiro seja um marco histórico com função mnemônica (marcador de memória) da cidade de São Lourenço do Piauí. É muito provável que boa parte do povo que nela habita seja descendente das mulheres e dos filhos sobreviventes na hecatombe relatada por Frei Martinho de Nantes. Não se quer, por isso, esquecer jamais, o quanto foram tiranos os curraleiros e missionários colonizadores que implantaram as primeiras fazendas de gado na região sudeste do Piauí.

Constatou-se que há grande interesse dos entrevistados em que se prossiga a pesquisa sobre o umbuzeiro dos defuntos e sobre os índios da região sudeste do Piauí. Eles próprios se dispõem a contribuir com tudo o que estiver ao seu alcance para o desvendamento das origens da cidade que habitam. Propõe-se, por isso, que as escolas do município e as universidades com *campus* na região sudeste do Piauí desenvolvam pesquisas voltadas para a resistência dos antigos ocupantes das terras de São Lourenço do Piauí. Pesquisadores e educadores despertarão e fortalecerão, assim, nos educandos o sentimento de pertença e autoestima por descenderem, talvez, dos valorosos índios que sucumbiram na defesa do seu direito à vida e à liberdade plenas.

Sugere-se a realização de novas prospecções, sondagens e escavações, com a efetiva participação da população local. Propõe-se que se construa na cidade de São Lourenço um memorial, administrado pela própria comunidade, onde se acondicionem e se exponham a visitantes e turistas os restos mortais e os artefatos dos seus ancestrais nativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREJO. Disponível em: <http://goo.gl/JIkc9X>. Acesso em 25/10/2013.

FADEN, W. *Colombia Pima or South America*: from the Original Manuscript of this Excellency Chevalier Pinto. 1807.

GOOGLE EARTH. US Dept of State Geographer. Inav / Geosistemas SRL. MapLink. Data SIO, NOAA, U.S. Navy, NGA, GEBCO. 2013.

KESTERING, C. *Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho – BA*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

KESTERING, C. *Índios da Área de Sobradinho – BA*. Disponível em: <http://goo.gl/CHlmuK>. Acessado em 05/11/2013.

KNOX, M.B. *O Piauí na primeira metade do século XIX*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986.

MOTT, L.R.B. *Piauí Colonial – População, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

NANTES, F.M. *Relação de uma Missão no Rio São Francisco*. Disponível em <http://www.brasiliana.com.br/obras/relacao-de-uma-missao-no-rio-sao-francisco>. Acesso em 24/10/2013.

SANTANA, T.M.C.; NASCIMENTO, P.M.S. Guerra da Telha: Memória, História, Arqueologia e Patrimônio. IN: KESTERING, C. (Org.). *Escavando a História de São Raimundo Nonato – PI*. 2013, p. 195-255.

SÃO LOURENÇO DO PIAUÍ. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Piaui>. Acesso em 19/10/2013.